

# TIGRES QUE ENGENDRAM

ADALBERTO LUÍS DE OLIVEIRA\*

RESUMO: O trabalho visa levantar alguns aspectos presentes no texto “Tigres azules”, de Jorge Luis Borges, utilizando como ferramentas a noção de *herói problemático*, de Georg Lukács; o problema do *desejo*, abordado por Marthe Robert em sua investigação sobre a origem do romance; e a questão da *ironia*, inserida por Northrop Frye nos modos da ficção cômica. Por meio dessas três ferramentas podemos perceber como o escritor argentino elabora e inverte os elementos narrativos, conseguindo escapar com maestria dos clichês literários, dando-lhes, apesar da tradição que carregam (o tigre, o Mal, o salvador e o viajante buscador de si) um novo brilho e direção, maior riqueza e profundidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Luis Borges; Herói problemático; Georg Lukács.

*Tiger! Tiger! burning bright  
In the forests of the night,  
What immortal hand or eye  
Could frame thy fearful symmetry?*

WILLIAM BLAKE<sup>1</sup>

\* Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada na USP.

<sup>(1)</sup> Apud Péricles Eugênio da SILVA RAMOS & Paulo VIZIOLI, *Poetas de Inglaterra*, São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo – Comissão Estadual de Literatura, 1970 (Coleção Textos e Documentos).

Borges sempre me intrigou, pois no final de seus contos experimentava uma ausência, como se apesar de estar diante de um mundo repleto de imagens pulsando vida, essas imagens estivessem separadas por uma vasta distância e, embora participantes de um mesmo espaço, elas não se comunicassem, estivessem apenas justapostas e cada qual ensimesmada em sua condição.

A vastidão, além de assustar, gerava uma vaga nostalgia, “saudade”, talvez, de um mundo em que as coisas significavam, um tempo em que os bichos falavam e a comunhão era possível. “Era uma vez...”

Mas os contos de Borges são de outra natureza, e investigar de mais perto alguns dos elementos de sua ficção talvez possibilite compreender, em pequena dose, seu ângulo *aleph* do mundo.

Para isso, algumas ferramentas ou teorias da literatura, particularmente as que tratam da teoria do romance, serão necessárias.

No entanto, verificar problemas concernentes ao *romance* por meio de um *conto* de Borges pode parecer estranho. Mas o conto é também fruto da criação de um “gênio” literário, possui sua *gestalt*, e essa Forma Simples, como define André Jolles,<sup>2</sup> apresenta uma problemática bastante similar à do romance: o herói do conto de Borges também é um *herói problemático*, a imanência do sentido à vida escapa-lhe incessante.

(<sup>2</sup>) André JOLLES, *Formas Simples*, São Paulo, Cultrix, 1976.

Borges constrói um mundo que, apesar de complexo, cheio de pistas falsas e pesado de conteúdo filosófico, longe está de ser enfadonho. Sua construção rigorosa torna-se um verdadeiro estímulo e um convite ao enredamento vertiginoso, de fundo mesmo policial, de sua ficção. Colocar enigmas, descobrir a relatividade dos conceitos, ironizar as circunstâncias desafia nossas opiniões e abre um universo mais amplo da nossa compreensão do homem.

“Tigres azuis” é o conto com o qual vamos ensaiar uma primeira abordagem desse estranho universo. O texto é de 1977 e foi publicado, em Buenos Aires, juntamente com um outro conto chamado “La rosa de Paracelso”, pela Swan, Avantos & Hakeldama.

Delinear a ação do conto é, certamente, reduzir as veredas intrincadas que constituem o enredo borgiano. Mas para que possamos trazer à tona algumas questões, teremos de incorrer, ou mesmo cair, nesse desvão:

## TIGRES AZUIS

Alexander Craigie, professor de lógica, movido pela obsessão ou amor aos tigres, deixa sua cidade, Alberdeen, Escócia, para lecionar na Universidade de Lahore, Índia. Certa vez, ouve notícias de que em uma pequena aldeia, muito distante do Ganges, vive uma variedade azul da espécie. Como já havia sonhado com tigres de um azul indizível, decide empreender uma viagem até o local a fim de investigar o fato. Ao escalar a colina sagrada, ao pé da qual achava-se a aldeia, Alexander descobre pedras azuis que se multiplicam ou diminuem de número segundo uma lógica completamente inusitada. A população da aldeia chamava-as de “tigres azuis” e o professor, ao mesmo tempo venerado por tê-las encontrado, era também um maldito profanador de um mistério ancestral.

De volta a Lahore, Alexander está inteiramente tomado pelo estranho comportamento das *pedras que engendram* e tenta por vários processos lógicos compreender o acontecimento que já o aterroriza. Em seus sonhos, ele as vê

como Behemoth ou Leviatã, “seres que indicam, na Escritura, a irracionalidade de Deus”. Essas imagens o estão conduzindo à loucura, quando então, ao penetrar em uma mesquita, pede a Deus ou Alá que o livre do pesadelo das pedras. Imediatamente, surge ao seu lado um mendigo cego que lhe pede uma esmola. Ele só possui as estranhas pedras e estende uma delas ao mendigo. Este pede ao professor que lhe dê todas as pedras, pois “quem não deu tudo, não deu nada”. O professor cede, alertando que as pedras são muito espantosas. O mendigo estende o côncavo da mão e as recebe, como o mar, onde elas caem silenciosamente. O mendigo lhe diz que não sabe o que são as pedras, mas que elas são a única coisa que lhe cabe receber, pois é um pecador. E antes de desaparecer por entre a bruma da aurora, dá ao professor também uma esmola: “os dias e as noites, a sensatez, os hábitos, o mundo”.

## ANÁLISE

*O romance é a epopéia de um tempo em que a totalidade extensiva da vida não é já dada de maneira imediata, de um tempo para o qual a imanência do sentido à vida se tornou problema mas que, apesar de tudo, não cessou de aspirar à totalidade.*

<sup>(3)</sup> Georg LUKÁCS, *A Teoria do Romance*, Lisboa, Presença, [s.d.].

GEORG LUKÁCS<sup>3</sup>

Do breve relato, alguns pontos principais permitem visualizar o movimento geral da narrativa: o personagem; o tigre; o espaço; o encontro; o Mal; a redenção; o retorno. Todos coordenados para estruturar o tema central da busca de uma interioridade tornada estranha ao ser.

Sabemos que esquemas são sempre redutores, e no caso de Borges eles se tornam ainda mais críticos. Mas para o ritual literário é preciso, às vezes, dividir em partes para que no espírito se realize o todo.

## O PERSONAGEM

Alexander Craigie é a síntese do racionalismo mais puro. Professor de lógica ocidental e oriental, é ainda estudioso de Spinoza. Sua erudição abarca a compreensão lógica do mundo em que até mesmo a idéia de divindade é razão pura. No entanto, é um personagem que possui uma outra natureza, representada pelo tigre azul que povoa seus sonhos.

Desde logo temos um personagem mergulhado num universo cuja constituição se faz por convenções, normas ou formas de estruturar a realidade. No entanto essas formas e estruturas “deixaram de carregar consigo a consagração do absoluto [...]. Formam o mundo da convenção; mundo todo poderoso ao qual não escapa senão a parte mais íntima da alma [...]. Esse mundo é uma segunda natureza”.

E o personagem, povoado por sonhos que rompem o sentido dessa segunda natureza, parte para a procura de sua integridade, não como paixão (pathos) evidenciada, mas como ordem lógica estruturada (logos).

“E os homens chamam leis àquilo que sabem desta força que os subjuga e, através deste conceito de lei, o horror da sua onnipotência e da sua universalidade transforma-se, para a consciência, na sublime e exaltante lógica de uma inumana, eterna e imutável necessidade”.

Eis, segundo Lukács, o mundo (a convenção da lógica) de nosso herói problemático, que narra sua busca ou que confessa, agora nas palavras de Lucien Goldmann,<sup>4</sup> sua “investigação degradada, pesquisa de valores autênticos num mundo também degradado”. Para Alexander Craigie, a lógica define a existência, mas por dentro o corrói um valor não apreendido pela razão: o tigre, natureza “tornada estranha” ao próprio ser.

<sup>(4)</sup> Lucien GOLDMANN, *Sociologia do Romance*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

## O TIGRE

Ponto capital para o personagem, o tigre é o condutor interno de suas ações. Essa imagem, que só lhe sobrevem nos sonhos – porta que rompe a barreira da racionalidade para fazer brotar, mortal e poderoso, o tigre em sua consciência – é o objeto de sua busca no plano da realidade objetiva. É o móvel da narrativa.

O próprio personagem reconhece que o tigre pode ser um arquétipo do Mal, na definição de William Blake, mas prefere a interpretação de Chesterton, que o vê como símbolo de terrível elegância. E a narrativa parece compor-se em torno dessas duas definições. A terrível elegância o seduz para conduzi-lo ao Mal, identificado, por exemplo, a Leviatã, monstro fenício do Caos ou da desordem.

Para o enredo, essa elegância é o movimento da narrativa e é terrível, pois coloca o personagem em contato com o arquétipo do Mal, com a “irracionalidade de Deus”. As duas definições se fundem quando a narrativa se completa e a “preferência” do narrador é impotente diante da realidade do símbolo.

Por outro lado, o tigre é visto, pelos chineses, como símbolo de força e ferocidade, as forças instintivas incontroladas. Uma pequena pincelada de Marthe Robert<sup>5</sup> e veríamos Alexander Craigie, razão pura, entrando em contato com suas forças libidinosas mais primitivas. Para ele, o sonho é o momento do afloramento dessas forças que permanecem, no homem civilizado, subjacentes à ordem pelo mundo estabelecida. Instinto selvagem recalcado que só aflora no relaxamento do ego e superego, quando se submerge no id, na inconsciência do sono.

<sup>(5)</sup> Marthe ROBERT, *Roman des origines et origines du roman*, Paris, Gallimard, 1981.

## O ESPAÇO

O espaço da manifestação do primitivo é o caótico: a Índia. País exótico “onde o homem pulula” e, melhor que isso, o interior da Índia, onde a selva pulula, onde a selva é selvagem.

<sup>(6)</sup> Northrop FRYE, *Anatomia da Crítica*, São Paulo, Cultrix, 1973.

É nesse espaço que Alexander busca o tigre azul, no alto de uma colina escarpada considerada tabu, lugar sagrado, inviolável para os homens da aldeia. Lugar mítico, espaço religioso em que a própria natureza manifesta o ritual do encontro: “a lua estava no horizonte...”, indicando a presença do mágico. A lua, contraponto do sol, anuncia já sua desgraça: a loucura. É a “solene simpatia” da natureza tomada às avessas de Shakespeare, que, segundo Northrop Frye,<sup>6</sup> insere o herói num mundo mítico.

O narrador sugere que aquele lugar estaria descrito em alguma página de Kipling, uma vez que nelas está toda a Índia e, de algum modo, todo o orbe. Aquele lugar era a Índia, que era por sua vez todo o orbe. Borges refere-se ao aleph, um dos pontos do espaço que contém todos os pontos (Cf. *O Aleph*, J.L. Borges). Portanto, aquela aldeia adquire um caráter revelador de um conhecimento condensado de toda a Índia ou de todo o planeta – síntese do conhecimento humano. Trata-se de uma “aldeia-aleph” em que Alexander vivencia a experiência da dualidade última da realidade, que pode ser divina ou humana, uma vez que o homem por si mesmo alienou-se de sua interioridade e vive num mundo sem deuses.

#### O ENCONTRO

Para apropriar-se do desejo, o herói é levado a profanar o tabu, a escalar a colina interdita. Alexander ultrapassa um limite, comete *hybris*, como diriam os gregos da Antigüidade, e por isso está condenado. A apropriação do desejo é um descomedimento porque rompe a convenção.

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud ressalta que o homem, para satisfazer suas necessidades econômicas, paga um pesado tributo imposto à sua sexualidade e agressividade. Freud considera a existência do impulso ou pulsão de morte em todo o indivíduo, além da pulsão de vida.

A quebra da convenção leva o homem a apropriar-se de sua inteira sexualidade e também de sua violência.

Então dá-se a *metamorfose*, elemento caro ao escritor. O tigre agora são pedras que engendram. Alexander chama a isso de *obsceno milagre*. No entanto, Alexander está fadado à loucura, pois tenta reduzir o que é livre ao lógico.

A razão, associada às pedras que ensinaram aos homens as leis e a Matemática, depara-se com pedras que subvertem o cálculo e a ordem com uma ferocidade que não permite lógica, nem chicote que as domine – para quem cometeu o desregramento de contemplá-las é dada a loucura.

É a metamorfose que instaura o processo da loucura. Sua natureza interior (o tigre azul), quando presente no plano da realidade objetiva, segue a aparente natureza daquela que a procurou (a lógica), mas em seu sentido simétrico: a lógica que deu nascimento à Matemática encontra pedras que destroem o cálculo.

A simetria do mundo se faz percepção consciente para o herói. É como se Alexander tivesse visto um deus em sua divergente manifestação e, para os

gregos, quando um deus é visto por um mortal, este é levado à loucura ou à cegueira. Excesso de luz cega, excesso de razão conduz à loucura.

O encontro com o desejo não é uma satisfação ou revelação apaziguadora, lançando o herói para fora do mundo revelado, pois ele tenta aplicar as mesmas leis da lógica ao que é “irredutível”. Sua condição é nitidamente trágica. Alexander não sacrifica na Montanha, na presença do mito, a ordem: sua natureza selvagem o apavora, condena-o à impossibilidade da vida. Sua destruição virá pela loucura, com as pedras que minam por dentro as bases da razão.

## O MAL

Alexander depara-se com a irracionalidade de Deus. Sua percepção do mundo se amplia, pois percebe que a *razão* não dá conta da *manifestação*. Deus ou Alá também é Behemoth ou Leviatã. Os pólos razão/irracionalidade são partes de um mesmo ser, separados por uma infinita espiral composta de vários sótãos e alçapões, lembrando uma frase de um outro personagem bastante conhecido: “Na casa de meu pai há muitas moradas”, revela Jesus a respeito de seu “reino que não é desse mundo”. Ou melhor, não apenas desse mundo.

No pólo oposto à organização do mundo encontra-se o Mal, a irracionalidade, o primitivo selvagem, o tigre azul/negro, as pedras em seu obscuro milagre. E este modo de perceber a realidade não deixa de ser uma concepção dantesca do mundo. E a forma que Borges utiliza para relacionar Inferno, Purgatório e Paraíso é a espiral, ou seja, embora tudo retorne ao seu princípio, o grau de conscientização é sempre outro. A espiral é uma forma mais dinâmica que os círculos empregados por Dante em sua *Comédia*.

O tigre, representante final do arquétipo do Mal para o narrador, é inspirado em William Blake. Em “The Tiger”, Blake pergunta ao tigre: *What immortal hand or eye/ Could frame thy fearful symmetry?* Em sua descrição, o tigre resplandece como fogo na noite escura, fazendo de sua imagem um conjunto de luz e treva; quanto mais luz, mais treva resplandecente. E mais adiante: *Did he who made the Lamb make thee?*, fazendo-o proceder da mesma fonte criadora de onde concebido foi o cordeiro. Luz e treva é o universo no tigre; inocência e malignidade procedem do mesmo ser criador. Alexander, razão pura, é preenchido de treva onde brilha razão maior que a luz da lógica fria.

## A REDENÇÃO

O herói não pode suportar a revelação e tem de voltar ao mundo “natural”. Para isso pede a Deus que o liberte das pedras.

Há uma intervenção da divindade, que nunca se sabe clara, pois a arte de Borges explora a ambigüidade do acaso, tornando possível que agora apareça um mendigo salvador.

O tema da salvação, que Northrop Frye insere nos modos da ficção cômica

(integração do personagem ao mundo ao qual pretende pertencer), é usado de maneira invertida por Borges: o mendigo salva Alexander e, ao mesmo tempo, o condena ao nada da vida. O mito o abandona quando ele é salvo. Esse modo distancia o ser do mito e define sua condição como irônica.

Sem o Mal, o que é o homem? Sem a agressividade, que é recalçada para garantir o pão, o homem está condenado ao mundo da segunda natureza.

Mas há uma inversão também do salvador, que não é mais o cordeiro sacrificado para salvar os homens do inferno. É um pecador, que recebe aquilo que lhe cabe. Apesar de pecador e cego, a consciência brutal de sua condição, que o faz aceitar o que merece, coloca-o no escalão dos “santos” e lhe garante o dom da salvação. Para os gregos, os sábios videntes eram cegos. A falta da luz dos olhos é a luz que ilumina o espírito. Mas a salvação, para Alexander Craigie, não deixa de ser sua condenação.

Borges portanto trabalha no plano mítico para expulsar o homem (que não deu tudo) para o mundo profano.

#### O RETORNO

Depois de alçar-se, romper o plano da natureza depositária de um “ossuário de interioridades mortas”, depois de seguir a tragicidade de seu espírito adentrando de forma desmedida o plano mítico – esse espírito será levado à loucura. Ele não pode vislumbrar o todo simbólico do universo, tentando sempre reduzi-lo ao lógico. Não sacrifica na Montanha seu Isaac adorado.<sup>7</sup> Se ele tivesse tido um pouco mais de fé... E como quem não deu tudo, como deu Abraão, não deu nada, esse ser tem de voltar ao mundo dos seus.

Mas o retorno se dá na espiral, sua consciência não é mais a mesma. O próprio narrador diz que sua desventura não terminou ainda (mesmo depois de voltar ao mundo dos mortos), seus sonhos agora são povoados não mais por tigres mas por outras formas, que provavelmente perpetuam seu obscuro milagre da multiplicação.

#### CONCLUSÃO

Como se vê, múltiplos elementos latejam nesse universo de aparentes contradições, em que o conflito se resume numa luta entre *pathos* (paixão) e *logos* (razão). Cada elemento é um universo repleto de história, de tradição literária, de significados vivos. Os motivos na realidade são temas.

A narrativa parece ser um arranjo de todos esses elementos para explorar o insólito: “oposição radical (estrutural) à forma do pensamento e à praxis do *homo occidentalis*: a mimese”, como define Lenira Marques Covizzi.<sup>8</sup>

Essa construção resulta numa ampliação de nossos conceitos, pois Borges os alarga, toma-os às avessas, conclui absurdos e isso nos permite ver, de outro

<sup>(7)</sup> A. Soren KIERKEGAARD, *Temor e Tremor*, São Paulo, Abril Cultural, 1974 (Coleção Os Pensadores, XXXI).

<sup>(8)</sup> Lenira Marques COVIZZI, *O Insólito em Guimarães Rosa e Borges*, São Paulo, Ática, 1974 (Coleção Ensaios).

ângulo, conceitos que possuem já uma tradição. Leva-nos a questionar a ilogicidade do universo e a máscara com que nos vestimos para ganhar um pedaço de pão.

O homem é o lobo do homem. Sua autodestruição. No espelho, onde se aloja o lobo, em que vemos apenas nossa imagem, as regras são outras e o que habita esse mundo é selvagem e não se reduz à ordem. O lado de lá é o Caos.

A realização do desejo é o adentrar o espelho – isto condena o homem comum à loucura. Antes que isso aconteça, ele tem de voltar à vida sem concretizar plenamente seu gesto. E não o concretiza pois tenta reduzir o mundo “de lá” à compreensão lógica. Não sacrifica a razão, “não deu tudo” e, portanto, “não deu nada”.

Na verdade, o volume do desejo é maior que a percepção que o herói tem de si. O símbolo (o tigre) é a síntese de uma vida muito maior que sua compreensão da realidade.

Assim, a condição do herói é bastante irônica, pois a “realização” do desejo, ao invés de inseri-lo no contexto que imagina, repele-o desse mundo – a obtenção é a perda. Esse paradoxo revela o caráter de impotência do homem frente à realidade última do universo, frente ao espelho, o mundo simétrico.

E quem dará o primeiro passo? Ou, quem poderá estar na soleira: um braço aqui, lá dentro uma pata tão negra. E quem suporta olhar sua imagem e ver o que ela possui de “a mais”? A natureza do homem – ser dual cujo suor deve ser o resultado de librar os pratos da balança enquanto dança – é a questão filosófica sobre a qual Borges se debruça. Mas não só. Brinca com imagens díspares. Reformula oposições e não diz o que se espera. Não faz do homem que encontra seu ser interior um iluminado, antes o lança à loucura. Não faz do salvador um ser honorável, mas sim um pecador. Não salva o personagem dando-lhe tranqüilidade, mas dando-lhe a mesmice. É zombeteiro e não disfarça um certo desprezo por esse caráter fraco do homem que já não é comum, pois buscou mais, mas que não foi forte o suficiente para renegar a razão.

E não seria essa uma das características do próprio Borges, cuja erudição levou-o à mais pura descrença... E essa arte de zombar de si mesmo é que o torna tão comovente, faz de sua arrogância abolida uma humildade alcançada.

ABSTRACT: Some aspects of Borges' *Tigres Azules* are chartered making use of the theoretical tools provided by Lukács' notion of *problematic heroine*, Marthe Robert's notion of *desire* in her investigation of the origins of the novel, and *irony* in Frye's comic fictional modes. These three approaches enable us to see how the Argentinian writer elaborates and inverts the narrative elements, thus masterly evading literary clichés. By doing so, he recycles those clichés (the tiger, Evil, the saviour, and the traveller in search of himself) conferring to them a new brightness and direction, and richer complexity.

KEYWORDS: Jorge Luis Borges; Problematic heroine; Georg Lukács

Texto elaborado para a disciplina *Problemas de Teoria Literária: três teorias do romance*, ministrada pelo Prof. Dr. João Luiz Machado Lafetá, no 1º semestre de 1994.